

# AUTENTICIDADE, INAUTENTICIDADE E ÉTICA EM M. HEIDEGGER

Gilzane Silva NAVES<sup>1</sup>

## RESUMO

Martin Heidegger é visto como um dos autores mais polêmicos da filosofia contemporânea, não só por seu conturbado envolvimento com o regime nacional-socialista alemão, mas também porque sua obra é a tentativa ousada de inaugurar uma nova ontologia, utilizando para isso de uma linguagem à altura da grandeza de seus propósitos. Neste artigo pretende-se pôr em relevo a questão da dimensão ética nas obras heideggerianas, especialmente em *Ser e Tempo*. Este tema tem sido alvo de muitas discussões e o julgamos relevante para uma compreensão do pensamento deste grande filósofo. O que nos moverá, então, nesta direção será a seguinte questão: há na filosofia de M. Heidegger uma "centelha" ética ou mesmo uma vertente deste prisma, que nos faça compreender uma ligação real de seus escritos com as preocupações que dizem respeito ao comportamento ético do ser humano em meio à sociedade? Parece haver sim um laço muito estreito, o qual liga o seu pensamento ao anseio por uma nova ética. Pretendemos percorrer o seguinte itinerário: partimos do desenvolvimento de

---

<sup>(1)</sup> Mestrando em Filosofia – PUC-Campinas - CAPES.

conceitos básicos de sua filosofia, tais como: *Dasein*, ser-no-mundo, ser-com-outro, autenticidade e inautenticidade, para então, posteriormente, baseando-nos em *Ser e Tempo* – sua principal obra – e também no que compreendem alguns comentadores, elaborarmos uma pequena argumentação que venha demonstrar ser coerente sua busca por uma nova ética, originária e adequada à fragilidade e à finitude da existência<sup>2</sup>.

**Palavras-Chave:** *Dasein* – Existência – Ser-no-mundo – Ser-com-outro – Autenticidade - Inautenticidade.

Com destino a uma ontologia do Ser, Martin Heidegger faz um percurso que ele entende ser obrigatório: a passagem pela via do ente dotado de abertura ao Ser, que ele nomeou por este motivo de *Dasein*, termo alemão que também interpretamos por pre-sença, ou ainda ser-aí – o homem. Esta condição humana no mundo o faz especial em meio aos demais entes intramundanos, (entes que não o homem) que ao contrário dele não se encontram na mesma condição perante o Ser. Segundo Heidegger, outras características determinam o *Dasein* como o ser presente e real neste mundo, as quais seriam: ser-no-mundo e conseqüentemente um ser-com-outro. Neste sentido o ambiente (mundo) será crucial na determinação do modo de existir do homem, este ser privilegiado: “Na maioria das vezes e antes de tudo, a pre-sença é absorvida por seu mundo (...) Sua característica ontológica é ser um existencial.”<sup>3</sup>

O termo *Dasein* tem por função nomear de forma transparente o único ser existente, capaz de estabelecer uma relação inteligível com o Ser, a ponto de busca-lo, mesmo não sabendo precisamente pelo que está procurando; mas tendo a si mesmo como caminho para tal

---

<sup>(2)</sup> Heidegger é alguém que deseja nomear o *Dasein* como ente único e especial perante os demais e por isso ele diz que somente o homem existe, ou “ec-xiste”, ao passo que a pedra “é”, mas não existe, a árvore “é”, mas não existe; Deus “é”, mas não existe. Existir é a condição de relação do homem para com o Ser.

<sup>(3)</sup> HEIDEGGER: 1993, p. 164.

encontro: “O ente que temos a tarefa de analisar somos nós mesmos. O ser deste ente é sempre e cada vez meu”.<sup>4</sup>

Para Heidegger, o *Dasein* é possuidor de um traço ímpar e primordial que o limita e o torna possível, enquanto ser existente, que dá a ele uma característica desvelada pela estrutura fundamental que o caracteriza, a de ser um ser-no-mundo:

“Apre-sença tem seu próprio ser no espaço, o qual, no entanto, só é possível com base e fundamento no ser-no-mundo em geral. A compreensão do ser-no-mundo como estrutura essencial da pre-sença é que possibilita a visão penetrante da especialidade existencial da pre-sença.”<sup>5</sup>

As preocupações que circundam o *Dasein*, ou seja, o ser-no-mundo, determinam as ações por ele praticadas, pois o mundo no qual ele está inserido se apresenta a ele como um desafio a ser enfrentado. Para isso, precisa estar consciente de sua situação no mundo, do qual é resolução, pois ao perceber-se na situação de existente, já está inserido, mergulhado na sua cotidianidade:

“O ser-aí está numa situação, torna-se consciente de si enquanto ser inserido no mundo de contradições factuais, que ele mesmo não criou. Por exemplo, o homem nasce em determinado ambiente lingüístico, social, econômico, geográfico, etc., pelo qual ele não é responsável, pois já se encontra nele desde o primeiro instante de sua existência.”<sup>6</sup>

O ser-no-mundo deve então tornar-se a instância mais importante na análise existencial do *Dasein*. Aquele é alguém que espacializa o mundo em função de suas preocupações. Ao mesmo tempo em que é uma presa fácil da factualidade, é também agente de transformação que organiza as coisas conforme as suas necessidades. Só o *Dasein* tem esta capacidade de criar e dar sentido aos seus

---

<sup>(4)</sup> Ibid., p. 164.

<sup>(5)</sup> Ibid., p. 94.

<sup>(6)</sup> GILES: 1975, p. 239.

projetos, os quais os simples entes não são capazes de fazer: “Pelo fato do ser-no-mundo pertencer ontologicamente à pre-sença, o seu ser para com o mundo é essencialmente, ocupação.”<sup>7</sup>

O que se pretende, então, a partir da analítica primária do *Dasein*, enquanto ser-no-mundo é demonstrar que só é possível pensar a realização do homem sobre a terra como pre-sença sob a forma do ser-no-mundo, condição única que o torna um existente.

Como já afirmamos anteriormente, o ser-no-mundo é um ser-com-outro, analisando o ser-com-outro, faz-se necessário lembrar que somente o ser-no-mundo, enquanto estrutura fundamental da pre-sença, pode sentir-se com o ser, ou os demais entes, não dotados das mesmas características que aquelas do ser-no-mundo. É o que afirma o próprio Heidegger: “Ora, o ser simplesmente dado é o modo de ser de um ente que não possui o caracter da pre-sença.”<sup>8</sup>

Assim, o único capaz de perceber-se enquanto pertencente junto e com os demais entes, ou seja, sentir-se um ser-com-outro é aquele cuja característica fundamental de *Dasein* é ser -no-mundo. Por isso, sensível a ele e aos demais entes que com ele dividem espaço na terra, seja outro ser-no-mundo, ou outro ente qualquer de natureza animal, mineral ou vegetal:

“Além disso, a interpretação positiva da pre-sença feita até aqui, que impede que se parta do dado formal do eu com vistas a uma resposta fenomenalmente suficiente da questão quem. O esclarecimento do ser-no-mundo mostrou que, de início um mero sujeito não “é” e nunca é dado sem mundo. Da mesma maneira, também, de início, não é dado um eu isolado sem os outros.”<sup>9</sup>

O homem é este ser-aí, que é chamado a conviver em um mundo de situações diversas, onde se ocupa com as coisas a sua volta,

<sup>(7)</sup> HEIDEGGER: 1993, p. 95.

<sup>(8)</sup> Ibid., p. 165.

<sup>(9)</sup> HEIDEGGER: 1993, p. 167.

dá a elas um sentido, um valor, utilizando-as de alguma maneira em seu favor. Contudo, o ser-no-mundo que é conseqüentemente um ser-com-outro, não faz isso isoladamente; ao seu redor há outros homens que possuem, assim como ele, ferramentas à disposição, que são utilizadas conforme suas necessidades. Utilizando-as em conjunto, este ser-no-mundo, que é por essência um ser-com-outro, edifica o mundo a sua volta, dá a ele seus contornos e formas. É assim, que ele se constrói, como um ser de relações, com seus semelhantes e com os objetos que compõem o seu universo:

“O ser-aí é constituído tanto pelas preocupações que condicionam o uso que faz dos objetos como utensílios, como pela solicitude que sente pelas pessoas que compartilham a existência com ele. A existência humana é ser-com-outro, tanto com as coisas como com as pessoas. O outro é fundamentalmente o homem – companheiro essencial e não apenas accidental. O ser-com pertence à própria natureza do ser-aí e é constitutivo da essência da existência.”<sup>10</sup>

Destarte, nos parece possível assegurar que, sendo o *Dasein* um ser-no-mundo e se fazendo nele, o mesmo é também conseqüentemente um ser-com-outro, por edificar-se em meio à sociedade, que por sua vez está disposta como uma comunidade inautêntica, por revelar-se fechada ao ser e aos caminhos que levam à autenticidade. Contudo, como veremos, o *Dasein* pode através dos meios inerentes a sua estrutura fundamental guiar-se pelos caminhos que levam a existência autêntica.

Na concepção heideggeriana há dois modos distintos de existência, o primeiro refere-se ao *Dasein* que está envolto pelo mundo que o absorve e lhe imprime seu “ritmo” e características. É a denominada inautenticidade, que desqualifica e torna sem sentido o próprio existir, que se perde numa frouxidão temporal, ou seja, torna

---

<sup>(10)</sup> GILES: 1975, p. 228.

o *Dasein* um existente desorientado no seu próprio tempo, onde não há conexão de fatos e acontecimentos que produzam um verdadeiro sentido: “O modo existencial, inautêntico, que é o Impessoal, seduz, tranqüiliza e aliena o ser-aí da existência dentro das dimensões da temporalidade e da historicidade.”<sup>11</sup> Aqui, o *Dasein* não consegue assumir a sua existência, simplesmente se deixa conduzir pelos outros que co-existem no seu mundo.

O segundo modo de existir é aquele que Heidegger chamou de autêntico, que se apresenta como o único capaz de trazer um sentido à existência do *Dasein*. Isso se daria através da angústia que produz no homem a consciência de sua situação no mundo, que é finita, temporal, situação que o caracteriza como ser-para-a-morte e pede dele uma resolução, ou seja, uma resposta eficaz e verdadeira ao exercício da consciência, que por sua vez o convoca para uma lealdade para consigo mesmo, para com seus projetos e possibilidades, pois o ser-no-mundo é acima de tudo possibilidades. A autenticidade é enfim, um “auto-resgate”, um tomar o destino de si mesmo: “A existência autêntica é a quotidianidade sendo compreendida, e em função disso sendo “vívda”, de um outro modo, qual seja, em sentido próprio ou a partir de si próprio.”<sup>12</sup> Defrontando-se com a morte, o *Dasein* liberta-se das preocupações mesquinhas que estão sempre a ameaçar o sentido da própria existência. Assumindo o seu fim mais próprio – a morte – o ser-aí se vê às portas da existência autêntica, em condições de projetar-se verdadeiramente, com liberdade, para uma existência temporal, repleta de sentido.

Perante a escolha da autenticidade, o *Dasein* dá um salto em direção à liberdade que lhe propicia uma identidade real. A possibilidade e a efetiva realidade da morte é algo que se experiencia de modo só. O fim da existência e de suas possibilidades é um acontecimento que apreende o *Dasein* em sua condição de “ser único”, pois não

---

(11) GILES: 1975, p. 240.

(12) BICCA: 1997, p. 31.

morremos “nós”, quem morre é o “eu”. A morte, ao contrário do que dita o impessoal cotidiano, não é uma mera hipótese distante; antes é algo verdadeiramente evidente e individual, por isso só ela é capaz de romper com os laços que o impessoal constrói. As teias que costuram a impessoalidade no cotidiano não suportam o enfrentamento real e verídico com a possibilidade de deixar de ser-no-mundo: “A singularização que tem lugar na relação autêntica com sua morte, isto é, com sua finitude, diz um empaldecimento do ser-com-os-outros, em termos da ação ou das influências deste último.”<sup>13</sup>

O ser-no-mundo de que falamos é obrigatoriamente um ser-com-outro, isto é, um ser de relações. Esta conseqüência que faz dele presa fácil da cotidianidade e logo do inautêntico, não deve ser entendida apenas como evidência nociva, no sentido de tornar o *Dasein* um alvo da facticidade e do impessoal. A condição de ser-com-outro é base fundamental que possibilita a realização de seus projetos e possibilidades, sendo que o ser-no-mundo não vive só, isolado – e nem lhe convém. É em meio à sociedade que o ser-com-outro se edifica, autêntica ou inautenticamente. Contudo, ser autêntico não quer dizer uma vida à parte, que exclua ou dê privilégios de existir em outro mundo, que não em meio ao mundo inautêntico. É da essência do homem ser-com-outro, independentemente de se o outro é, ou não, um existente autêntico.

A partir de tal análise já nos é possível alçarmos com ousadia e mais diretamente, algumas inferências de conteúdo ético tendo como base a obra heideggeriana *Ser e Tempo*; contrariando um consenso quase unânime no mundo filosófico contemporâneo: a inexistência de implicações éticas nesta obra, que para muitos teria se tornado inviável à reflexão ética devido ao modo como é abordado o tema axial. Para uma análise mais profunda destas interpretações, necessitaríamos de uma abordagem talvez mais precisa e extensa, o que não é o objetivo desta breve reflexão, cujo sentido quer fixar-se nas devidas proporções

---

(13) *Ibid.*, p. 32.

cabíveis, na direção de algumas relações entre autenticidade, inautenticidade e a ética, aí implícitas.

De posse de uma existência autêntica e singularizada, fruto daquela resolução da consciência perante a possibilidade de ser-para-a-morte, o *Dasein* tem a oportunidade de experienciar uma outra relação com os seus semelhantes. Relação esta, que não é mais aquela permeada pelo ditame do impessoal, cuja linguagem se expressa através do falatório cotidiano que em nada soma aos demais seres-no-mundo, a não ser em uma agregação numérica de mais um anônimo. A partir de uma nova estrutura resolvida e consciente de seus projetos e possibilidades – existência autêntica – o ser-com-outro pode manifestar uma dimensão responsável pela verdadeira existência do outro:

“A antecipação singularizadora tem a dimensão de uma renúncia libertadora, renúncia à ipseidade imprópria, enquanto feixe de possibilidades encobridoras, renúncia que possui como sua outra face aquele pôr-se a si próprio enquanto tarefa. Esse comportamento traz, por seu turno, uma contrapartida não menos libertadora, que singulariza agora a possibilidade de um autêntico ser-com com os outros.”<sup>14</sup>

Como ser-no-mundo autêntico, torna-se possível a edificação de projetos também autênticos como ser-com-outro, levando em consideração a consciência da finitude e fragilidade do existir humano. A existência que se destina a um inevitável encontro com a morte – seu fim mais provável – pode vislumbrar maneiras de estabelecer-se em sociedade que compreenda a falta de autenticidade do outro e lhe venha em auxílio, não alicerçando aí um conceito pessimista da existência, ou ainda niilista, por pensar a morte como fim intransponível, mas, antes, buscando um sentido mais nobre, que faça das experiências individuais do ser-aí autêntico um modelo, que seja um convite aos demais seres-aí para a vivência autêntica e repleta de sentido:

---

<sup>(14)</sup> BICCA: 1997, p. 33.

“Em outras palavras, uma ética da precariedade seria o efeito colateral necessário do reconhecimento da finitude do ser e do próprio *Dasein*, cuja “existência”, sendo “lançada” no mundo em que se “projeta”, é ontologicamente desprovida de fundamentos últimos...”<sup>15</sup>

De outra maneira, podemos afirmar que a consciência que desperta para a existência autêntica, em primeiro plano, pode despertar-se posteriormente para um ser-com-outra, fundamentando-se em outros valores e ações, diferentes notadamente daqueles anteriormente presentes no ser-no-mundo inautêntico, o que levaria em consideração a dignidade do outro, que assim como “eu” é também ser de projetos e possibilidades, que se edifica em uma frágil existência: “A consciência, como esse testemunho é então ontologicamente anterior à consciência em sentido moral, seja esta “boa” ou “má”.<sup>16</sup>

O cuidado com o outro se estenderia para além do “outro” entendido como semelhante, sua nova postura de responsabilidade iria ao encontro do mundo onde habita, pois o *Dasein* é alguém em movimento – como já defendera Heráclito – que está se construindo e concomitantemente edificando o mundo, por ele se envolvendo e se deixando envolver. Enquanto ser-no-mundo é alguém dependente dele e nele influente: “Pois a pre-sença, enquanto ser-no-mundo, é um ser em ocupação junto a . De início e na maior parte das vezes, a pre-sença é a partir do que se ocupa.”<sup>17</sup>

Estando na existência inautêntica, o que Heidegger nomeou também de existência cotidiana, onde o existir individual confunde-se com o existir dos demais seres-aí inautênticos, haveria uma realidade resoluta negativa, que se expressaria no anonimato por exemplo, cujas conseqüências reais e mais sensíveis no plano da existência em comum seriam as perdas da originalidade e da responsabilidade.

(15) DUARTE: 2000, p. 74.

(16) BICCA: 1997, p. 34.

(17) HEIDEGGER: 1993, p. 196.

Originalidade que o faz único como ser-no-mundo e reúne nele todas as riquezas que o dignificam, qualidades ímpares das naturezas mais diversas, e que o constitui como um ser especial entre os demais seres intramundanos; responsabilidade que o auxilia na vivência comum em sociedade, que o faz assumir seus direitos e deveres, condição essencial para torná-lo um ser de relações:

“Quem existe dessa maneira não é o “eu” individual com suas intenções, seus esforços e possibilidades genuínas, se não um “eu” público, anônimo, sem características próprias, aquele que se ausenta ante toda responsabilidade pessoal, aceitando as convicções e opiniões daqueles que vivem na ‘massa’”.<sup>18</sup>

Nunca foi uma pretensão heideggeriana fixar-se, de maneira específica nos modos de relação entre o ser-aí e seus semelhantes – que implicaria em uma ética explícita – cujo caminho ele não trilhou por considerar seu objetivo maior a missão de inaugurar uma ontologia do Ser, partindo da análise do ser-aí diante da liberdade fatídica da inautenticidade e autenticidade, ou seja, da escolha mediante a consciência da morte, da angústia existencial de ser temporal, finito, mortal, escolha esta que conduz a um projeto existencial que faça sentido ao ser-no-mundo, que si autêntico, consciente seria de sua responsabilidade para consigo e com os demais:

“(…) pode-se afirmar que o que se espera do Dasein decidido não é que ele se sobrecarregue, de maneira irresponsável, de culpas, faltas e omissões, mas apenas que dando ouvidos a um clamor cuja legítima compreensão o entrega a sua própria finitude, ele aja de maneira responsável, isto é, que ele responda ao cuidado de si, dos outros e dos entes intramundanos.”<sup>19</sup>

---

<sup>(18)</sup> GILES: 1975, p. 235.

<sup>(19)</sup> DUARTE: 1975, p. 235.

Sendo um ser-no-mundo dotado de liberdade e possibilidades, cabe ao *Dasein* dar o devido sentido a sua existência, que se faz em um período histórico e finito. É em meio a estes limites que o homem deve se projetar em vista da autenticidade e conseqüentemente da vivência ética, que vai além de um sentido de auto-ajuda (responsabilidade pessoal), pois a vivência do autêntico vai ao encontro do mundo marcado pelo inautêntico, mundo este que ele pode modificar: "Graças à resolução, o ser-aí pode aceitar corajosamente seu destino e desempenhar com decisão e força seu papel no mundo."<sup>20</sup> Neste sentido é inegável não inferir uma responsabilidade ética do *Dasein*, com seu próprio ser-no-mundo inicialmente, para então, posteriormente ir ao encontro de seu igual existente e a todos os seres intramundanos que o rodeiam, exercendo eticamente a sua constituição ontológica de ser-com-outro.

## BIBLIOGRAFIA

- BICCA, Luiz. Ipseidade, Angústia e Autenticidade. *Revista Síntese*. Belo Horizonte. VI 24 (nº 76): 11-36, 1997.
- DUARTE, André. Por Uma Ética da Precariedade: Sobre o Traço Ético de Ser e Tempo. *Revista Natureza Humana*. São Paulo. EDUC: Editora PUC-SP. ( nº 1): 71 – 101, 2000.
- GILES, Thomas Ransom. *História do Existencialismo e da Fenomenologia*. São Paulo. EPU: USP, 1975.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo* (Parte I). Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1993.

---

<sup>(20)</sup> GILES: 1975, p. 241.